

14 DE MARÇO DE 2008
Diário de Minho

Este suplemento faz parte da edição n.º 28074 de 14 de Março de 2008, do jornal Diário de Minho, não podendo ser vendido separadamente.

Património



MEGALITISMO
EM
ESPOSENDE

Textos:
José Carlos Ferreira
Francisco de Assis
Fotos:
Francisco de Assis



Introdução

O suplemento "Património" do *Diário do Minho* regressa à antiguidade para falar do "Megalitismo no concelho de Esposende". Esta é, uma vez mais, uma edição histórica, que confirma a grande riqueza arqueológica do concelho. Em mais de seis anos a fazer este suplemento, percorrendo já todos os concelhos do distrito de Braga, esta é a primeira vez que falamos de menires ou menhires, exibindo também alguns exemplares. O que dá ideia da sua raridade. Noutros concelhos, quando abordámos o tema do megalitismo, mostrámos antas ou dólmenes, mamoaas, abrigos de pastor, entre outros vestígios arqueológicos, mas nunca encontramos um menhir. Daí o epíteto de edição histórica. De facto, no número desta sexta-feira, vamos estar nos principais locais do concelho com marcas de megalitismo, nomeadamente nas freguesias de São Bartolomeu do Mar, por causa do menir, envolto em história e algum mito; em Forjães, também com o seu menir; em S. Paio de Antas, também com um menir; em Vila Chã, com um vasto e riquíssimo património arqueológico, nomeadamente as mamoaas de Arribadas, Rápido e Monte da Cerca e Portelagem; em Palmeira de Faro, com a Mamoa na Quinta de Mereces; entre outros locais. Nesta edição, vamos falar também de um projecto do "Roteiro do Megalitismo", que está a ser preparado pela Câmara Municipal de Esposende.

Megalitismo em Esposende está muito bem estudado



Na zona do Rápido há uma mamoa que não está escavada mas que já foi violada, vendo-se as pontas dos esteios

O historiador Manuel Albino Penteado Neiva garante que o concelho de Esposende é rico em história e em pré-história, salientando-se o facto da parte do megalitismo estar bem estudada, com um inventário «muito bem feito».

«Isto não quer dizer que outros concelhos não sejam mais ricos do que Esposende. A verdade é que Esposende teve de alguns anos a esta parte um gabinete de arqueologia da Câmara Municipal e cidadãos deste concelho que se interessaram pela história e, desde muito cedo, iniciaram um trabalho de pesquisa, inventariação, catalogação e de estudo do fenómeno megalítico. Daí podermos dizer que este é um concelho que está bem estudado e os grandes núcleos estão identificados e estão tratados», afirma.

Segundo este investigador, os dois grandes grupos que constituem a cultura megalítica, ou seja a cultura das grandes pedras, são os dólmenes e os menires. «E, de facto, o concelho de Esposende tem essas duas tipologias bem presentes», realça. Assim, acrescenta, ao nível dos menires, o concelho de Esposende possui o menir de S. Bartolomeu do Mar, que foi estudado pelo profes-

sor Vítor Oliveira Jorge, o menir de S. Paio de Antas e o menir de Forjães. Em relação ao fenómeno dolménico, o grande núcleo encontra-se na freguesia de Vila Chã.

Para Manuel Albino Penteado Neiva, este é o núcleo megalítico «mais importante do Noroeste português porque, só numa freguesia estão identificados 18 dólmenes, podendo existir outros que ainda não foram descobertos». «Alguns deles estão já muito bem estudados, nomeadamente o dólmen da Cruzinha, o dólmen da Portelagem, o dólmen do Cerco e o dólmen do Rápido. Muitos outros ainda não estão estudados na medida em que não se pode escavar tudo», acrescenta.

Na opinião deste historiador, seria muito interessante criar um circuito especial na freguesia de Vila Chã, dando a mostrar aos visitantes vários monumentos representativos de épocas cronológicas diferentes. Segundo refere, Vila Chã possui um povoado neolítico, um conjunto de dólmenes, o povoado de São Lourenço, da Idade do Ferro, e indícios medievais muito interessantes.

Segundo afirma, esta freguesia também teve a sorte de ter naturais que se interessaram pela história local, como Manuel Boaventura, que

era amigo de Leite Vasconcelos e de Martins Sarmiento. Mais recentemente, há ainda a salientar os nomes de Carlos Brochado de Almeida e do próprio Manuel Albino Penteado Neiva. São investigadores que tiveram a disposição de estudar a história da sua terra e que justificam o facto de a freguesia possuir este conjunto de monumentos identificados e estudados.

Vários tipos de destruição

Curioso é o facto de no concelho de Esposende existir uma freguesia com o nome de S. Paio de Antas e de, actualmente, ali não existir nenhum destes monumentos do megalitismo.

Para Manuel Albino Penteado Neiva há várias razões que podem explicar esta ausência de antas que deram o nome à freguesia. São explicações que também se estendem a outros locais não só do concelho de Esposende, como também a todo o território. Em primeiro lugar, sustenta, ao longo dos anos, as pessoas transformaram as suas bouças em terrenos aráveis e este fenómeno de arroteamento deve ter destruído muitos vestígios arqueológicos. «Como se sabe, o estudo da nossa pré-história é muito recente e, por-

tanto, as pessoas não estavam atentas a isso e muita coisa deve ter sido destruída», afirma.

Por outro lado, o imaginário dos cidadãos associava, muitas vezes, as antas, ou mamoaas, a tesouros e, o que «eles encontravam eram, afinal, pequenos vasos que, para as pessoas, não tinham significado nenhum e, por isso, deitavam-nos fora».

Na opinião do historiador, houve ainda um outro tipo de destruição, mas que foi feito de forma inconsciente, tratando-se da reutilização dos materiais. Muitas vezes, as pessoas precisavam de grandes pedras para fazer as suas latadas e os esteios das antas eram os ideais. «Estavam ali ao alto, eram fáceis de tirar e levavam-nos. Muitas destas pedras foram também utilizadas para lareiras e outras ainda para a tapagem dos terrenos», acrescenta.

«Assim, muitos destes monumentos foram destruídos pelo fenómeno das arroteias ao longo dos séculos e, depois, porque houve também um período em que as pessoas andavam à procura de tesouros. Nessa altura, destruíram muitos desses monumentos, tirando-lhes as tampas e os esteios à procura dos tesouros», sustenta.

Carta Arqueológica de Esposende está elaborada e publicada

O concelho de Esposende tem já há alguns anos a sua Carta Arqueológica elaborada e publicada, sabendo-se à priori, que este é um instrumento que está sempre em construção, uma vez que, em história, há uma permanente descoberta. Segundo Manuel Albino Penteado Neiva, a Carta Arqueológica de Esposende foi elaborada pelo professor Brochado de Almeida que, na sua opinião, fez um trabalho muito completo.

O historiador realça mesmo que o município esposendense deverá ter sido dos primeiros a criar um serviço de arqueologia, com um arqueólogo próprio da Câmara, que, ao longo dos anos, soube tratar devidamente esta informação e produzir documentos importantes.

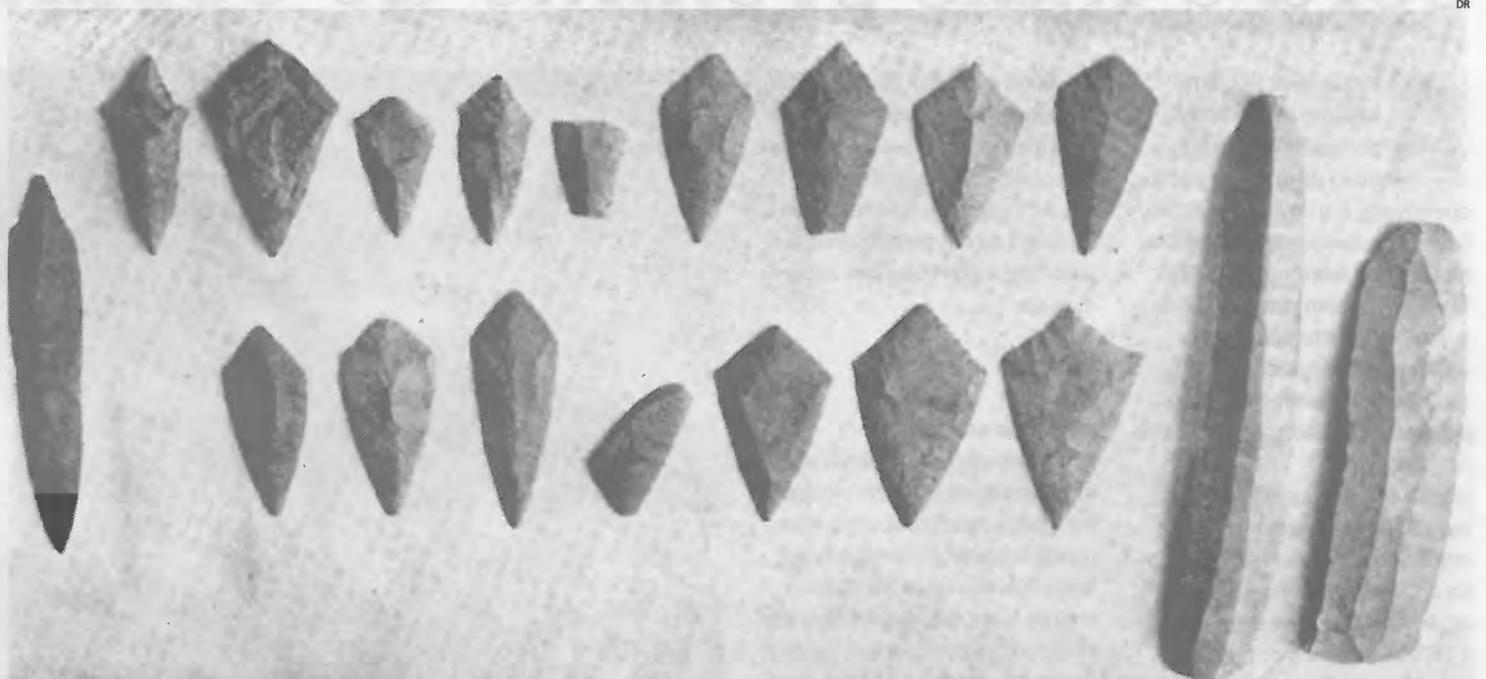
Ao longo dos anos, salienta o investigador, o património arqueológico de Esposende tem sido alvo de algumas campanhas de escavações, que trouxeram muitas novidades e achados importantes à luz do dia. Manuel Albino Penteado Neiva afirma que a primeira grande fase de descoberta destes monumentos aconteceu num momento muito incipiente da nossa arqueologia, mais concretamente na segunda metade do século XIX, com Martins Sarmiento.

«Ele percorreu todo o Minho, freguesia a freguesia, e tinha os seus emissários, que era uma coisa curiosa. Por exemplo, em Vila Chã ele tinha um senhor, chamado o Marucho, que lhe fez escavações. Ele requisitava essas pessoas, que escavavam e lhe entregavam aquilo que descobriam. Convém dizer que o rigor científico dessas escavações não era muito. Mas, o que é certo é que Martins Sarmiento fez um trabalho excelente na identificação desses monumentos e na recolha de muito material», afirma, acrescentando que há dois ou três dólmenes de Vila Chã, nomeadamente na Portelagem e no Rapido, que foram escavados sob a sua orientação.

Dessas escavações, salienta, foi retirado material variado, como, por exemplo, vasos com saliências mamilares, muitas pontas de seta, facas em sílex e raspadores, que foi levado para a Sociedade Martins Sarmiento, em Guimarães.

As escavações do século XX

Depois, mais tarde, nos anos 20 do século XX, há uma outra fase de escavações, com dois arqueólogos alemães, que foram Vera Leisner e o marido, que incidiram os seus trabalhos no dólmen da Portelagem, em Vila Chã. «Eles revisitaram



> Pontas de setas que foram encontradas no dólmen do Rapido

os dólmenes que Martins Sarmiento dava notícia e fizeram uma escavação mais profunda e mais científica, já com desenhos do monumento em si e, isso foi importante», afirma Manuel Albino Penteado Neiva. Já numa fase mais recente, surge Vítor Oliveira Jorge, um dos nomes mais sonantes da arqueologia portuguesa, que vai dar um grande incremento ao estudo do megalitismo no Noroeste português. Segundo o historiador, ele criou um grupo de trabalho que pegou no fenómeno do megalitismo para o estudar a fundo. Assim, os monumentos de Vila Chã são revisitados pela terceira vez e analisados com um grande rigor científico.

«Eu tive o prazer de ser aluno do professor Vítor Oliveira Jorge e da esposa, Susana Oliveira Jorge, e foi aí que eu ganhei o gosto pelo megalitismo, que é tão emblemático», afirma o historiador.

No que diz respeito ao espólio que foi sendo encontrado ao longo destes séculos nas três grandes vagas de escavações realizadas em Vila Chã, Manuel Albino Penteado Neiva afirma que ele foi disperso por vários locais.

«Grande parte do espólio foi levado para a Sociedade Martins Sarmiento, em Guimarães. Outra parte foi levada para a Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Também deverá haver alguns objectos no Museu Nacional de Arqueologia. E, certamente, uma outra parte do espólio se perdeu e se dispersou por esses museus», diz o historiador. Contudo, há a realçar que, a partir dos anos 80, do século XX, todo o material recolhido nas escavações autorizadas e subsidiadas pela Câmara de Esposende, faz parte

do espólio do Museu Municipal de Esposende.

Para Manuel Albino Penteado Neiva, era interessante que o espólio que apareceu no concelho e que se encontra espalhado pelo país, muitas vezes armazenado nas reservas, regressasse a Esposende. «Eu penso que esse material podia, por comodato ou acordos, regressar ao local de onde foi retirado, para, assim, se compreender melhor o monumento. Caso isto não fosse possível, esse material podia ser cedido para ser fotografado, ser estudado e fazerem-se réplicas que ficassem no museu local», defende.



> Vaso encontrado na dólmen da Portelagem



> Um dos esteiros do dólmen do Rapido apresenta gravuras em ondulado

DIZ A TRADIÇÃO POPULAR QUE O MENHIR IMPEDE NOVA INVASÃO

Menir de S. Bartolomeu do Mar será o mais próximo do oceano

A freguesia de São Bartolomeu do Mar é famosa principalmente pela romaria do dia 24 de Agosto, que envolve fé e devoção, mas também diabo, banhos santos, galinhas pretas, entre outras superstições. Mas está também entre a "elite" da arqueologia portuguesa, designadamente o megalitismo, com o seu menhir, provavelmente o mais próximo do mar em todo o território nacional.

Não há certezas quanto à data da erecção dos primeiros menires. Os arqueólogos apontam para o período do Neolítico Médio, 3800-3200 aC; ou Neolítico Final, entre 3000 e 2500 aC. Outros investigadores apontam entre cerca de 3300 e 3000 aC.

Como explica Carlos Alberto Brochado de Almeida, os menires dividem-se em duas grandes famílias: «menhires propriamente ditos e estátuas-menhires. Em território português encontramos os primeiros, pois as estátuas-menhires circunscrevem-se quase unicamente a território francês e ilha de Córsega».

Em 1979, quando Carlos Alberto Brochado de Almeida, apresentou um estudo intitulado "O Menir de S. Paio de Antas", dizia: «é também de todos os menires conhecidos portugueses o que está mais perto do oceano, pois na generalidade se situam bem no interior ...».

De facto, nessa altura, o menhir de S. Bartolomeu do Mar era desconhecido. E o seu achamento é no mínimo curioso. A história está "embrulhada" numa série de peripécias contadas pelo arqueólogo Vítor Oliveira Jorge, num trabalho intitulado "Menir de S. Bartolomeu do Mar" (Esposende). Trata-se de uma investigação que contou com a colaboração de António Martinho Baptista e António A. H. Bace-lar Gonçalves.

Na introdução do referido trabalho, conta que, em Novembro de 1980, foi contactado por carta, por Nuno Costa Machado, de Braga, à época estudante de arquitectura. Na missiva, o estudante dizia que tinha visto num campo de milho junto à igreja, algo que tinha medo de «chamar um menhir». Informava que tinha fotografado o objecto, tinha mostrado as fotos a Francisco Sande Lemos e António Martinho Baptista, arqueólogos, e ambos inclinaram para que fosse um menhir.

A partir daí, foram tomadas as devidas providências no sentido de o

identificar e estudar. Em 1984, Vítor Oliveira Jorge deslocou-se ao local, acompanhado do pré-historiador francês C.T. Le Roux, director das Antiguidades da Bretanha, especialista em megalitismo e autor de vários trabalhos sobre menires.

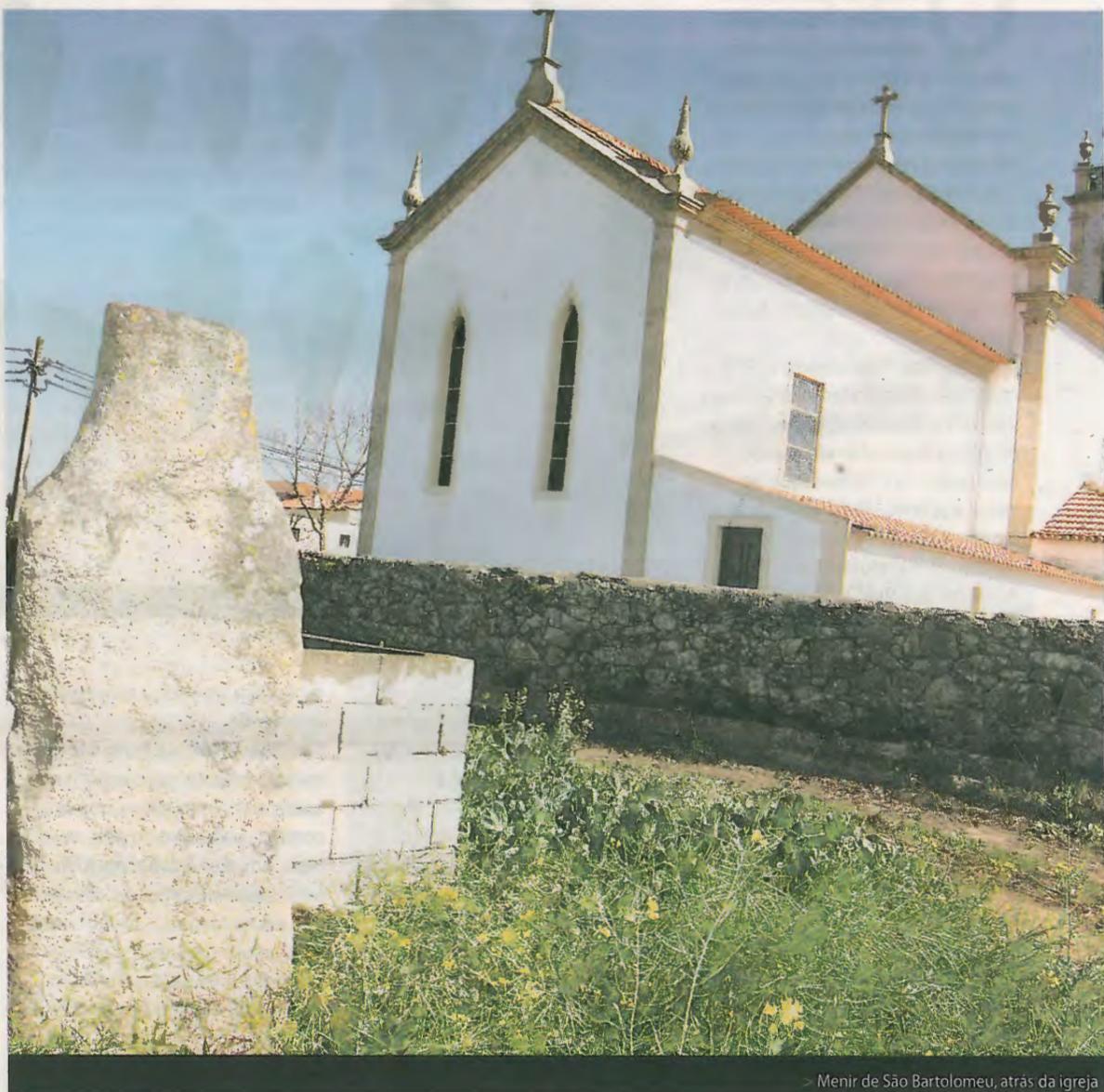
Descrição do menhir e tradição oral

Sem entrar em grandes descrições técnicas, vale a pena dizer algo sobre a peça, classificada como Monumento Nacional. Dizem os arqueólogos que o menhir de São Bartolomeu do Mar é «em granito de grão médio a grosso, com muitos cristais de quartzo. Mede 2,10 metros de altura, acima do solo, apresentando-se mais espesso na base».

Para os menos "arqueólogos", não passam despercebidas as 19 covinhas ou fossettes, oito delas mais largas. A importância deste menhir reside na sua raridade e, neste aspecto, o concelho de Esposende marca a diferença. Basta ver que, em 1986, Oliveira Jorge dizia que a Norte do Douro tinham sido encontrados apenas quatro menires, dois deles em Esposende. Sabe-se agora da existência ainda de mais um em Forjães, de que falaremos na página seguinte.

Na arqueologia, os investigadores, além do prazer de descobrir algo de novo, também deliciam-se com alguns mitos e historietas à volta dos monumentos. São aspectos da tradição oral que ajudam a apimentar a investigação. Não são de facto, desprezáveis, o que é importante é fazer a devida separação entre a ciência e a lenda.

Em relação ao menhir de S. Bartolomeu do Mar, os investigadores ficam intrigados como é que foi lá parar, sabendo-se que são colocados, por norma, em locais altos. A tradição oral também não tem explicação. No entanto, os populares acreditam que o menhir foi levantado pelo mar. E, «se se deitar abaixo, o mar torna outra vez aqui», dizia-se. Há outra versão, que diz que «se alguém deitar o menhir ao chão o mar vem pô-lo de pé». É uma espécie de ameaça velada, porque se o mar deslocar-se até ao menhir para o colocar de pé, vai arrasar toda aquela zona. Assim, por via das dúvidas, é melhor deixar o monumento ali "firme e hirto". Já agora, mais a sério, o património agradece que assim se mantenha.



Menir de São Bartolomeu, atrás da igreja



O menhir de S. Bartolomeu apresenta algumas fossettes



Nunca ninguém ousou deitar o menhir, por respeito ou superstição

ESPOSENDE É CASO RARO NESTE TIPO DE MONUMENTOS MEGALÍTICOS

Menires de S. Paio de Antas e Forjães confirmam a riqueza arqueológica

Como ficou claro na página anterior e na introdução deste suplemento, os menires são, de facto, peças raras do megalitismo no Norte de Portugal. Esposende tem o privilégio de ter no seu território pelo menos três, confirmando a grande riqueza arqueológica do concelho. Além do menir de S. Bartolomeu do Mar, Forjães e S. Paio de Antas também têm menires, sendo que este último está classificado como Monumento de Interesse Municipal. No trabalho "O Menhir de S. Paio de Antas - Esposende", Carlos Alberto Brochado de Almeida, falando dos menires em geral, refere que o local de implantação destes monumentos é «deveras interessante». «Não aparecem em vales e muitos deles encontram-se nas imediações de linhas de água ou junto a pequenos cursos de água. Geralmente aparecem no cimo de pequenas elevações, dominando perfeitamente o panorama circunvizinho. O de S. Paio de Antas é um belo exemplo do que atrás foi dito», escreve o arqueólogo.

De facto, o menhir de S. Paio de Antas está localizado num dos pontos mais altos da freguesia, designado por lugar do Monte. Brochado de Almeida classifica-o como um «belo espécime da arquitectura megalítica».

Foi o próprio investigador que, em Janeiro de 1976, comunicou o achado à então Direcção-Geral do Património Cultural a sua descoberta e sugerida a sua inclusão no património cultural do país. Em nota de rodapé, Brochado especifica que, efectivamente, não se tratou de uma descoberta, mas sim «redescoberta», uma vez que tinha notícias de que o menhir já tinha sido assinalado num pequeno estudo académico apresentado numa disciplina de Antropologia da Universidade do Porto.

Não deixa de ser curioso o facto de ter sido apresentado numa disciplina de antropologia. Isto porque, o menhir, de formato fálco, está relacionado com vivências e crenças sobre a fertilidade. O maior desejo do homem da cultura megalítica era ter uma terra fértil. Afinal, era da terra-mãe que retirava o seu sustento. Daí a introdução da grande pedra, de forma fálca, na terra, para ajudar a fertilidade.

O menhir de S. Paio de Antas é baixo em relação a muitos outros, mesmo em Portugal. Tem apenas 1,65 metros, contra os seis de alguns alentejanos. Segundo este estudioso, França tem dos mais altos meni-



Menir de São Paio de Antas, numa elevação como era hábito

res, alguns chegam aos 20 metros. A classificação do menhir de S. Paio de Antas como Imóvel de Interesse Público foi uma sugestão da então 1.ª Sub-secção da Junta Nacional da Educação. Foi decidida no dia 13 de Julho de 1976, pelo ministro da Educação e Investigação Científica. À época, Brochado de Almeida analisava assim a protecção: «a classificação reveste-se de grande amplitude para a arqueologia, especialmente a nortenha, porque para além do seu intrínseco valor histórico-arqueológico, está a sua raridade». É preciso não esquecer que, ao tempo destas palavras, não eram conhecidos os menires de S. Bartolomeu do Mar e de Forjães.

Menhir de Forjães

O menhir de Forjães é, provavelmente, o menos conhecido ou pelo menos, o menos divulgado de todos. Num prospecto intitulado "Arqueologia do Concelho de Esposende", coordenado por Carlos Alberto Brochado de Almeida e Rui Cavalheiro da Cunha; com textos de Eduardo Jorge e João Antunes, pode ler-se alguns dados sobre esse monumento.

No folheto referente ao menhir de Forjães, os especialistas dizem que está situado no lugar de Enfia, na denominada "Bouça dos Marcos".



O menhir de S. Paio de Antas está classificado desde 1976



Menhir de S. Paio de Antas foi redescoberto por Brochado de Almeida

«Está integrado num conjunto de quatro marcos que representam, respectivamente, a Casa de Bragança, a Comenda da Ordem de Cristo e a actual linha divisória entre a vila de Forjães e a freguesia de Castelo do Neiva e a freguesia de S. Romão

do Neiva, bem como o concelho de Esposende e o de Viana do Castelo». Quanto às características do menhir, dizem que tem um 1,80 metros de altura e foi afeiçoado num bloco granítico de «grão médio, matéria-prima que abunda na região. Pos-

suiu as características essenciais dos menires já conhecidos num aro que abrange os concelhos de Esposende e Barcelos». Não escapa ao cariz fálco e tem a similitude granítica do de S. Paio de Antas.

RAPÍDO, PORTELAGEM E CRUZINHA SÃO EXEMPLARES DA ARQUITECTURA MEGALÍTICA

Esposende apresenta importante conjunto de dolméns e mamoas

O concelho de Esposende está, certamente, entre os concelhos do norte do país com maior riqueza e diversidade de monumentos megalíticos estudados. Além dos menhires, é de realçar a quantidade e sobretudo a qualidade de algumas estruturas, nomeadamente mamoas e antas ou dolméns.

Apesar de termos definido em outras ocasiões cada um dos termos, por ser a primeira vez que abordamos este tema em Esposende, consideramos útil uma breve explicação.

Numa definição simples, pode-se dizer que dólmenes são monumentos tumulares desenvolvidos durante a cultura do megalitismo. "Dol", significa mesa; e "Men", significa pedra. Isto é, uma mesa de pedra, que é a tampa que cobria os esteios que formam a estrutura tumular. A mamoia é o montículo que cobre a câmara dolménica. Tinha a função de esconder e proteger a sepultura. O termo mamoia vem da própria forma oval, semelhante a uma mama. Quanto são pequeninas são popularmente conhecidas por mamoinhas.

Pode-se dizer que os dólmenes foram os primeiros esboços de uma arquitectura, ainda que arcaica.

Não está claro se os dólmenes eram destinados à sepultura apenas de chefes das tribos e seus entes mais próximos ou se era para toda a comunidade. No entanto, os investigadores estão inclinados a aceitar que fossem apenas para os chefes.

Em Esposende existem dólmenes, escavados e estudados, mamoas estu-

dadas, outras intactas e outras apenas violadas pelos "caça-tesouros", baseando-se em lendas de mouroas encantadas.

O concelho tem, por isso, um importante conjunto de exemplares, nos mais variados estados, o que, em termos científicos e até pedagógicos, é, deveras, interessante.

A "jóia da coroa", nas palavras de Manuel Albino Penteadó Neiva, é a Anta do Rapido, na freguesia de Vila Chã. Pelo seu estado de conservação e pelo material ali encontrado. Este túmulo pré-histórico apresenta ainda o seu corredor, os esteios bem conservados, com gravuras, e a câmara. Só lhe falta a tampa ou mesa, mas não deixa de ser um belo exemplar para fins didácticos. «Trata-se de um monumento curioso, pois faz lembrar uma miniatura deste tipo de sepulturas», diz Penteadó Neiva, no seu livro "Vila Chã - Uma Terra Milenar".

A escavação realizada em 1989/90 forneceu fragmentos de cerâmica e outro espólio lítico. «É um dos monumentos pré-históricos mais interessantes do concelho», classificam os autores dos folhetos do desdobrável "Arqueologia do Concelho de Esposende", coordenado do Carlos Alberto Brochado de Almeida e Rui Cavalheiro da Cunha.

Portelagem, Cruzinha e Cimo de Vila

Também em Vila Chã destaca-se a anta ou dólmen da Portelagem, nas imediações do lugar da Abelheira. Ao contrário do do Rapido, não está tão completo, mas conserva a sua

tampa ou mesa. Tem uma parte do corredor, onde foram igualmente encontrados vestígios de arte rupestre. «A antela da Portelagem», como é vulgarmente conhecida nos meios científicos, é dos monumentos megalíticos mais divulgados e dos mais citados pelos arqueólogos da especialidade, com incidência para Vera Leisner que deu a conhecer o vaso cerâmico ali encontrado nos inícios do século XX por Martins Sarmento», referem os autores dos citados folhetos.

Outro dos dólmenes de muito interesse é a Anta da Cruzinha ou da Arribada, também na freguesia de Vila Chã, mesmo atrás da igreja paroquial. Trata-se de uma mamoia de grande dimensão. Entre 1993 e 1995 foi escavada pela equipa de Eduardo Jorge Lopes da Silva, do Instituto de Arqueologia da Universidade Portucalense. Uma mamoia que viria a revelar-se interessante do ponto de vista da investigação arqueológica, tendo em conta que apresentou, na mesma calote de terras, dois dólmenes, um dos quais intacto, o que constituiu um achado raro.

A mesma equipa de arqueólogos escavou a Mamoia de Cimo de Vila, dentro da Quinta de Mereces, em Palmeira de Faro, no âmbito do projecto de investigação designado "O Estudo do Megalitismo no Minho e a sua Correlação com o Douro Litoral e Beiras". Em Vila Chã, referência ainda para a Mamoia do Monte da Cerca ou da Maceira, no ponto mais alto do concelho. Aí foram encontrados fragmentos de cerâmica megalítica, carvões e uma pequena espiral de prata.



> Anta do Rapido, a "jóia da coroa" dos dólmenes de Esposende



> Simulação de uma anta, em São Paio de Antas



> O dólmen da Portelagem mantém a sua mesa de cobertura

Esposende vai implementar Roteiro do Megalitismo

A Câmara de Esposende está a preparar a implementação de um projecto que visa estabelecer um roteiro do megalitismo e a criação de um equipamento que será a porta de entrada desse mesmo roteiro. Segundo fonte da autarquia, este roteiro baseia-se sobretudo no planalto de Vila Chã porque esta é a área, pela força dos vestígios que aparecem, onde se concentra o maior número de monumentos megalíticos no concelho de Esposende. Há freguesias que possuem este tipo de monumentos, como Fonte Boa e Palmeira de Faro, mas é realmente no planalto de Vila Chã que se encontra a grande fatia de necrópoles megalíticas. Assim, a Câmara de Esposende, pretendendo valorizar, restaurar e criar um guia para os visitantes, propõe-se, assim, a desenvolver um roteiro do megalitismo.

Para tal, salienta a mesma fonte, vão ser incluídas no itinerário algumas mamoadas já escavadas e outras por escavar, «para dar a ideia às pessoas de como é o antes e o depois». Tendo em consideração o projecto, os visitantes vão ter indicações para ver as mamoadas da Portelagem, do Rápido, da Cruzinha e da Cerca, que são as escavadas, e as mamoadas da Serra, situadas na transição de Vila Chã para S. Paio de Antas, que não se encontram escavadas. Com este roteiro pretende-se, numa primeira fase, valorizar os diversos sítios arqueológicos e recuperá-los. «Nós vemos que as mamoadas estão em locais no meio do monte, ao "abandono". No passado houve uma intervenção arqueológica que pôs à mostra os vestígios, foram retirados os dados científicos e, a partir daí, conforme ficou na altura, conforme



➤ Mamoadas do Rápido integra o roteiro

está neste momento. O que nós temos vindo a fazer é apenas a manutenção de limpeza e o que notamos é que, algumas pessoas, que visitam estes locais sem acompanhamento dos serviços de arqueologia, têm comportamentos menos próprios e outras vezes é a própria vegetação que vai começando a degradar o local. Assim, uma das intervenções a que nos propomos é recuperar e valorizar os próprios monumentos em si», afirma fonte da Câmara de Esposende.

Projecto prevê sinalética nos locais

Por outro lado, o projecto prevê também a colocação de sinalização. Assim, vão ser inseridas placas in-

formativas no local da mamoadas, com texto explicativo sobre a funcionalidade dos monumentos. Nesta acção vão também ser colocadas placas sinaléticas para guiar as pessoas até às mamoadas inseridas no roteiro. Segundo fonte do município, este projecto implica ainda a aquisição dos terrenos e o arranjo da envolvente das ruínas, com a musealização da estrutura e a protecção dos monumentos durante as visitas. A mesma fonte adianta ainda que vai ser feito um estudo da fauna e flora da época para reflorestar estes locais, com o objectivo de recriar o ambiente que se vivia na altura do megalitismo, e o arranjo paisagístico dos conjuntos patrimoniais, para os fazer sobressair no meio da

paisagem sem que haja grandes impactos.

«Nós pretendemos que as pessoas, sobretudo de Vila Chã, se apercebam do valor que a património megalítico tem. Em relação ao povoado de S. Lourenço, elas já têm essa noção. As pessoas já vêem aquele conjunto como uma coisa delas, que ninguém pode estragar», e o mesmo se pretende agora com estas mamoadas, salienta a Câmara de Esposende.

«Queremos que este roteiro resulte num portal no tempo e no espaço. No tempo porque ao visitante pode-se abrir uma janela para o passado, permitindo-lhe imaginar, de modo significativo, a vida do homem no seu ecossistema», salienta a autarquia.

Ligado a este roteiro existe uma outra proposta para a criação de um Centro de Recepção do Megalitismo de Vila Chã. «Pretende-se tentar encontrar no centro da freguesia um edifício de património rural, uma casa que esteja em ruínas e que se possa recuperar, para ser um ponto de saída para o megalitismo de Vila Chã», salienta a Câmara de Esposende.

Segundo explica, a autarquia vai propor que este seja um espaço de gestão da Junta de Freguesia e das forças vivas desta comunidade, onde o visitante teria à sua disposição um posto de informação e uma sala de exposição com as peças que foram encontradas nas escavações.



➤ O roteiro prevê a musealização dos sítios arqueológicos



➤ O dólmen da Cruzinha quando estava a ser escavado



No concelho de Esposende, o megalitismo tem sido bem estudado por vários investigadores. As escavações realizadas ao longo dos anos têm permitido encontrar peças de grande importância que estão estudadas e inventariadas.



O menir de S. Paio de Antas está ligeiramente inclinado para Sul. Os investigadores relacionam frequentemente este monumento, que tem 1,65 metros de altura, com ritos ligados à fertilidade.



A Junta de Freguesia de S. Paio de Antas reconstituiu o monumento megalítico junto à estrada. A ideia é mostrar às pessoas o exemplo de uma anta, tratando-se de uma estrutura que figura na heráldica e integra o nome da freguesia.



Em S. Paio de Antas, as forças vivas da freguesia demonstram que estão empenhadas no seu património. Exemplo disso é o facto de terem incluído na toponímia da freguesia o menir que ali foi encontrado.



A mamoa da Portelagem, em Vila Chã, é um dos monumentos mais referenciados na bibliografia especializada. Aqui foi encontrado um vaso cerâmico que está na Sociedade Martins Sarmento.



O menir de S. Bartolomeu do Mar é, em Portugal, o monumento deste género que se encontra mais perto do mar. Este menir está classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1992.